

QUARESMA: TRAVESSIA DO DESERTO E CAMINHO DE ESPERANÇA

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

A cada ano, a Igreja nos convida à experiência da Quaresma, esse tempo forte que não é apenas um momento no calendário litúrgico, mas uma verdadeira travessia espiritual. A Quaresma não é um intervalo na vida cristã. Ela é uma escola de discernimento, penitência, conversão e esperança.

Atravessando esse tempo, somos convidados a caminhar rumo à Páscoa, centro luminoso da nossa fé, pois é na ressurreição de Cristo que encontramos o sentido último da existência humana. São Paulo expressa com clareza radical essa verdade ao afirmar: “Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé” (1Cor 15,14). Não se trata de uma afirmação retórica, mas do núcleo da experiência cristã. A ressurreição inaugura uma nova possibilidade de vida para cada pessoa. Em Cristo ressuscitado, a morte não tem a última palavra, e a esperança torna-se mais forte do que qualquer sofrimento.



Nesse caminho espiritual, o Evangelho nos apresenta Jesus conduzido pelo Espírito ao deserto. São Lucas narra que “Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e era guiado pelo Espírito no deserto, durante quarenta dias, sendo tentado” (cf. Lc 4,1-2; Mt 4,1-2). O deserto não é apenas um cenário geográfico, mas um lugar teológico. É espaço de decisão, de confronto interior, de purificação do coração. Muitas vezes associamos o deserto apenas aos quarenta dias que antecedem a Páscoa, mas a verdade é que o deserto acompanha toda a nossa existência.

A vida humana é marcada por escolhas, conflitos e tentações. Como Cristo enfrentou o tentador, também nós somos continuamente desafiados em nossa fidelidade a Deus.

A primeira tentação surge a partir da fome. O tentador aproxima-se e diz: “Se és Filho de Deus, manda que esta pedra se transforme em pão” (Lc 4,3; Mt 4,3). A proposta parece simples, quase lógica: satisfazer uma necessidade concreta. No entanto, o que está em jogo é reduzir a vida humana ao imediato, ao material, ao consumo. Jesus responde com a Palavra: “Está escrito: ‘Não só de pão vive o homem’” (cf. Lc 4,4; Dt 8,3), recordando que a existência humana não pode ser reduzida à satisfação das urgências. Há uma fome mais profunda: a fome de Deus, a fome de sentido, a fome de eternidade.

Na segunda tentação, o diabo conduz Jesus ao ponto mais alto do templo e o desafia a lançar-se dali, citando inclusive a Escritura: “Ele dará ordens aos seus anjos a teu respeito” (cf. Lc 4,9-10; Sl 91,11-12).

Aqui aparece a tentação do espetáculo religioso, da fé transformada em demonstração sensacionalista. Trata-se de instrumentalizar Deus, de exigir sinais extraordinários como prova de sua presença. Jesus responde com firmeza: “Não tentarás o Senhor teu Deus” (cf. Lc 4,12; Dt 6,16). A fé autêntica não manipula Deus. Ela confia. Não busca aplausos, mas fidelidade.

A terceira tentação apresenta a sedução do poder. O tentador mostra a Jesus todos os reinos do mundo e promete entregá-los se Ele se prostrar em adoração: “Eu te darei todo este poder e a glória desses reinos” (Lc 4,6-7; Mt 4,8-9). É a tentação da glória fácil, da conquista sem cruz, da dominação como caminho para o sucesso. Jesus responde reafirmando o centro da vida espiritual: “Ao Senhor teu Deus adorarás e só a ele servirás” (cf. Lc 4,8; Dt 6,13). O Reino de Deus não se constrói pela lógica da imposição, mas pela fidelidade humilde e obediente ao Pai.

Essas tentações não pertencem apenas ao passado. Elas atravessam a história e se repetem cotidianamente em nossas vidas. A Escritura nos adverte: “Sede sóbrios e vigilantes. O vosso adversário, o diabo, anda em derredor, como leão que ruge, procurando a quem devorar” (1Pd 5,8). A Quaresma é tempo de vigilância interior, de oração e de discernimento, para que possamos reconhecer aquilo que nos afasta do essencial e escolher o caminho da vida. Não se trata de cultivar medo, mas de amadurecer a liberdade. A vigilância cristã nasce do amor e da consciência de que somos chamados à plenitude.

A Campanha da Fraternidade 2026 reforça essa dimensão concre-

ta da conversão cristã. Não basta resistir às tentações no âmbito pessoal. Somos chamados a transformar nossas relações e a construir uma sociedade mais justa e fraterna. A conversão quaresmal sempre possui dimensão social. O próprio Cristo nos recorda que aquilo que fazemos aos pequenos é feito a Ele mesmo: “Todas as vezes que fizestes isso a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim que o fizestes” (Mt 25,40). A verdadeira penitência não se reduz a práticas individuais. Ela se traduz em gestos de solidariedade, em compromisso com a dignidade humana e em ações que promovam a vida. O profeta Isaías já denunciava um jejum vazio e apontava o caminho autêntico: “O jejum que eu prefiro não é este: soltar as correntes da injustiça, repartir o pão com o faminto, acolher em casa os pobres sem abrigo?” (Is 58, 6-7).

Assim, a Quaresma revela-se como tempo de passagem: passagem do deserto para a terra da promessa, da tentação para a fidelidade, da morte para a vida. Ao caminharmos rumo à Páscoa, renovamos a certeza proclamada por Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá” (Jo 11,25). Não caminhamos sozinhos. O Senhor ressuscitado nos precede, sustentando nossa esperança e transformando nossas fragilidades em oportunidade de graça. Que esta Quaresma seja, para cada um de nós, uma travessia autêntica. Que saibamos reconhecer as tentações que nos afastam do Evangelho e, fortalecidos pela oração, pela Palavra e pela fraternidade, possamos viver a alegria da Páscoa como experiência concreta de vida nova.●